

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**FELÍCIA PINHEIRO GOMES**

**“NÃO TER O QUE COMER NA TERRA DE CANAÃ”: O DIÁLOGO ENTRE  
LITERATURA E BIOPOLÍTICA N’A *BAGACEIRA*, DE JOSÉ AMÉRICO DE  
ALMEIDA**

PATU/RN

2019

FELÍCIA PINHEIRO GOMES

**“NÃO TER O QUE COMER NA TERRA DE CANAÃ”: O DIÁLOGO ENTRE  
LITERATURA E BIOPOLÍTICA N’A *BAGACEIRA*, DE JOSÉ AMÉRICO DE  
ALMEIDA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras – DL, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

ORIENTADOR(A): Prof.<sup>a</sup> Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

PATU/RN

2019

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

G633n Gomes, Felícia Pinheiro  
"Não ter o que comer na terra de Canaã": o diálogo  
entre literatura e biopolítica n'A Bagaceira, de José  
Américo de Almeida. / Felícia Pinheiro Gomes. - Patu,  
2019.  
52p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Annie Tarsis Morais  
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Literatura.. 2. Biopolítica.. 3. Poder soberano.. 4.  
Resistência.. 5. A Bagaceira.. I. Figueiredo, Annie Tarsis  
Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do  
Norte. III. Título.

FELÍCIA PINHEIRO GOMES

**“NÃO TER O QUE COMER NA TERRA DE CANAÃ”: O DIÁLOGO ENTRE  
LITERATURA E BIOPOLÍTICA N’A *BAGACEIRA*, DE JOSÉ AMÉRICO DE  
ALMEIDA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras – DL, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Aprovada em 07/10/2019.

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo – UERN  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto – UERN  
(Examinadora)

---

Prof. Esp. Gleison Carlos Souza de Moraes - SEEC  
(Examinador)

À minha filha Denise, que tanto amo e  
que me inspira a cada dia.  
À minha avó Ninita (*in memoriam*), eterna  
em meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao meu Deus, por sempre me dar forças para não desistir dos meus sonhos e para enfrentar as adversidades da vida, a Ele, toda honra e toda glória sempre!

À minha maior fonte de inspiração, minha filha Denise Maria, foi por nós duas que lutei até o fim para concluir esse Curso, com o intuito de te dar um futuro melhor.

Gratidão aos meus pais, Claudivan Gomes e Luzanira Pinheiro por todos os incentivos e pelo orgulho que sentem por mim. À minha mãe, por sempre ter lutado para me dar um futuro melhor, mesmo em meio às dificuldades. Ao meu pai, que mesmo ao seu modo, me mostrou que estudar sempre será o melhor caminho.

À minha sogra Beatriz, que se dispôs a ficar com minha filha todas as vezes que precisei, para que eu pudesse concluir esse Curso. Muito obrigada!

À minha avó Ninita (*in memoriam*) que partiu no meio desta pequena trajetória, seus valiosos ensinamentos contribuíram para eu ser quem sou hoje.

Ao meu esposo Eliton, por ter me ajudado tantas vezes, mesmo indiretamente.

Agradeço à minha amiga Thâmara Moura por toda a parceria durante a graduação e por sempre ter acreditado em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditei, sempre me incentivando e tentando me acalmar em minhas crises de ansiedade.

À Noel Suassuna, por todos os momentos de descontração durante esses cinco anos de graduação, pois foram essenciais para “fugirmos” das dificuldades acadêmicas por alguns instantes. Muito obrigada!

Aos meus colegas e amigos da turma 2015.2 por terem me acolhido de braços abertos, em especial: Kelly, Ritônio, Lara Jayanne, Noemia, Ana Paula, Gilberlânia e Fabiana, pois foram muito importantes nesse percurso.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação. Em especial, minha orientadora Annie Figueiredo, a ti, todo o meu carinho e admiração pela pessoa e profissional que és. Obrigada por toda a paciência que tens comigo.

À professora Lailsa Ribeiro, seus ensinamentos através do Projeto de Extensão Quarta Cult foram de suma importância para a minha formação. Muito obrigada pela oportunidade de ter vivenciado as experiências desse Projeto tão engrandecedor.

Aos professores Lailsa Ribeiro e Gleison Carlos e por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora deste trabalho.

Enfim, a todos que ajudaram de forma direta ou indiretamente, o meu muito obrigada!

Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã.

José Américo de Almeida, *A Bagaceira* (1972)



## RESUMO

A Geração de 30 é uma estética literária em que os autores buscavam denunciar os problemas socioambientais e políticos presentes em suas regiões. Entre esses autores se destaca o paraibano José Américo de Almeida com o romance *A Bagaceira* (1972) considerada a obra inaugural do Regionalismo no Brasil. Nesse contexto, observamos que a narrativa aborda temáticas acerca das agruras presentes na sociedade. Nessa perspectiva, essa pesquisa visa analisar as injustiças sociais presentes no enredo, de forma a evidenciar o diálogo entre literatura e biopolítica, no poder soberano representado pelo personagem Dagoberto Marçau, e na resistência, representada pela personagem Soledade. No aparato teórico principal que serviu de base para nossa pesquisa, temos: Bueno (2015) e Mendonça Teles (1990), elencando sobre o romance de 30. Candido (2007) e Gancho (2006), trazendo a teoria da personagem. Michel Foucault (2018) com seu conceito de biopolítica para entendermos de que forma a sociedade se organiza e como os indivíduos são inseridos nesta conjuntura. Agamben (2002) com os conceitos de *poder soberano*, *homo sacer* e *estado de exceção* para compreendermos o poder de Dagoberto sobre seus funcionários. Negri (2006) sobre *resistência* e *biopolítica produtiva*, para analisarmos Soledade como contraponto ao poder soberano do senhor de engenho. A análise nos permitiu compreender as relações do poder soberano e da resistência na narrativa selecionada e ainda vemos que o enredo é construído sobre a égide da biopolítica e seu poder sobre a vida.

**Palavras-chave:** Literatura. Biopolítica. Poder soberano. Resistência. *A Bagaceira*.

## ABSTRACT

The Generation of 1930s is a Brazilian literary esthetic in which the authors aimed to denounce the socio-environmental and political problems present in their regions. So, these authors include José Américo de Almeida, born in the state of Paraíba, with the novel *A Bagaceira* (1972), this being considered the inaugural Regionalism work in Brazil. In this context, we note that the work deals with themes about the hardships present in that society. From this perspective, this research aims to analyze the social injustices present in the plot, in order to highlight the dialogue between literature and biopolitics in sovereign power, represented by the character Dagoberto, and in resistance, represented by the character Soledade. In the main theoretical apparatus that served as the basis for our research, we have: Bueno (2015) and Mendonça Teles (1990), listing about the Brazilian novel of the 1930s. Candido (2007) and Gancho (2006), bringing the theory of character. Also, Michel Foucault (2018) with his concept of biopolitics to understand how society is organized and how individuals are inserted in this conjuncture. Agamben (2002) with the concepts of *sovereign power*, *homo sacer* and *state of exception* to understand Dagoberto's power over his employees. And finally Negri (2006) talking about *resistance* and *productive biopolitics*, to analyze the character Soledade as a counterpoint to sovereign power. Thus the present analysis allowed us to understand the relations of sovereign power and resistance in the selected narrative and still see that the plot is built on the aegis of biopolitics and its power over life.

**KEYWORDS:** Literature. Biopolitics. Sovereign power. Resistance. *A Bagaceira*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – LITERATURA E BIOPOLÍTICA: ESTABELECENDO RELAÇÕES .</b>	<b>15</b>
1.1 “Párias da bagaceira”: contextualizando o Romance 30 .....	15
2.1 “Não ter o que comer na terra de Canaã”: relações de poder em A Bagaceira 22	
<b>CAPÍTULO II – PODER SOBERANO <i>versus</i> RESISTÊNCIA .....</b>	<b>31</b>
2.1 “O que está na terra é da terra”: o poder soberano de Dagoberto Marçau .....	31
2.2 Soledade e resistência: a hora e a vez do poder da vida .....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

A Geração de 30, também conhecida por Regionalismo, é uma estética literária pertencente à segunda fase do Modernismo no Brasil, em que os autores buscavam denunciar os problemas socioambientais e políticos de suas regiões. Diversos autores nordestinos, como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado se destacaram nesse período por refletirem, em suas obras, temáticas arraigadas de denúncias sociais. Entre esses, também se destaca o paraibano José Américo de Almeida, autor do romance *A Bagaceira* (1928).

Deste modo, *A Bagaceira*, escrito no ano de 1928, é considerado junto com *Macunaíma*, o marco inicial do regionalismo no Brasil. A obra retrata a vida dos retirantes que fugiam da seca no sertão para o brejo, no interior do Estado da Paraíba, à procura de trabalho para sobreviverem. Como destaca Américo de Almeida (1972, p. 2), no prefácio do referido livro: “há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã”. Ou seja, entendemos que miséria maior do que não ter o que comer, é ter e não poder se alimentar. E a partir disso, observamos que os aspectos biopolíticos estão configurados na obra por meio do espaço, e, como representante do biopoder e poder soberano, mandando e desmandando em tudo e em todos os seus funcionários, está o personagem Dagoberto Marçau. Suas ações demonstram que ele age de acordo com o sistema biopolítico da época, explorando e exercendo poder sobre os seus funcionários.

Nesse contexto, subtendemos que na sociedade do século XIX, mais precisamente no ano de 1898, em meio à transição de séculos, a exploração de trabalho e abuso de poder eram frequentes, tendo em vista que o coronelismo ainda imperava e as relações de poder eram cada vez mais abusivas. A obra se passa durante o período de duas secas castigantes, mais precisamente, em 1898 e 1915. O autor coloca suas impressões sobre a atual conjuntura política e também o que ainda está por vir, pois a obra foi escrita no ano de 1928, mas traz no enredo questões que aconteceram posteriormente, como, por exemplo, o início da modernização. Questões como a seca, miséria e fome também são denunciadas por Américo de Almeida.

Como ruptura do poder sobre a vida, temos Soledade, quebrando os padrões sociais da época e resistindo ao sistema político. Tendo em vista que, na sociedade do século XIX, a mulher ainda era tão privada de seus direitos, esta tinha que ficar em casa e cuidar apenas dos afazeres domésticos. Em contraste, Soledade é sinônimo

de liberdade, pois, no decorrer da narrativa, se mostra parcialmente livre em relação ao biopoder, que aprisiona os corpos dos trabalhadores de Dagoberto, demonstrando que o poder da vida é mais forte que o poder sobre a vida. Assim, a personagem Soledade é movida por suas vontades e desejos constantes.

Diante das relações observadas no romance, buscamos compreender de que forma a literatura configura a biopolítica na obra e como o biopoder controla as ações dos personagens, especialmente, as ações de Dagoberto Marçau, que, durante toda a obra, age de forma abusiva, chegando a capturar a vida de seus funcionários: humilhando-os, tirando-lhes a dignidade e principalmente, desumanizando-os. Além disso, buscamos entender, também, como a personagem Soledade se opõe ao biopoder e ao poder soberano e, a partir disso, compreender de que forma esta se configura como resistência em meio ao poder sobre a vida.

Ao observarmos essas questões, percebemos que as relações entre as personagens se dão de forma extremamente abusiva, de modo que não percebem que estão sendo monitorados, frequentemente, pelo feitor Manuel Broca. Contudo, identificamos que o poder sobre a vida atua como uma cadeia que está simultaneamente ligada ao biopoder, um poder diluído, a começar pelo governador dos homens e de seus corpos.

Diante disso, ao observarmos como esses aspectos acontecem dentro da obra, partimos da problemática do nosso trabalho para tentar responder aos questionamentos: De que forma a biopolítica se configura na narrativa? A partir disso, como o biopoder rege as ações dos personagens, em especial, de Dagoberto Marçau? Como a personagem Soledade se opõe ao biopoder, se configurando como resistência ao poder sobre a vida?

Desse modo, objetivamos investigar como a biopolítica está representada na obra e de que forma o biopoder controla as ações dos indivíduos, especialmente do personagem Dagoberto Marçau, problematizando questões acerca da relação literatura e biopolítica, visando analisar a constituição do relacionamento entre os personagens, partindo das relações de poder evidenciadas em *A Bagaceira* (1972), bem como as injustiças sociais observadas.

Assim sendo, analisar *A Bagaceira* (1972) sob uma nova perspectiva permitiu observar facetas que até então não haviam sido tão abordadas, excluindo, eventualmente, a visão errônea de que o Regionalismo de 1930 é uma literatura voltada somente para a questão da seca no Nordeste. Foi através de teorias que

vieram posteriormente à obra que nos possibilitou acessar *A Bagaceira* (1972) por um novo viés de abordagem e análise. As teorias contemporâneas permitiu-nos a reflexão sobre as relações presentes em nossa sociedade nos anos 30, especialmente, o poder que circunda por todos os âmbitos sociais, evidenciando que essas relações se davam, muitas vezes, de forma abusiva, fazendo, também, uma ponte para interligarmos considerações sobre o contemporâneo.

Para uma melhor compreensão das facetas políticas presentes na narrativa, utilizamos autores, como: Giorgio Agamben (2007), Michel Foucault (2018), Antonio Negri (2006), Luís Bueno (2015), Durval Muniz (2011) e entre outros estudiosos da Literatura. A escolha por esses autores se justifica por estes possibilitarem reler *A Bagaceira* (1972) com um novo olhar, evidenciando outras nuances trazidas na obra, como por exemplo, a organização da conjuntura sóciopolítica da época.

Essa pesquisa se deu a partir de um estudo analítico, visando as relações sociais presentes na narrativa, estabelecendo conexões entre a literatura e a biopolítica, de modo a compreender a literatura enquanto configuradora de questões concernentes à conjuntura política. Buscando entender o contexto biopolítico da época, foi necessário fazer uma revisão da literatura acerca de acontecimentos importantes no Brasil e no mundo, questões essas que foram de suma importância para a configuração da literatura em meio a questões socioambientais.

Deste modo, o presente trabalho é dividido em dois capítulos teórico-analíticos: o primeiro é intitulado "*Literatura e Biopolítica: estabelecendo relações*", sendo dividido em dois subtópicos: [1] "*Párias da bagaceira: contextualizando o romance de 30*", em que busca estabelecer relações entre a literatura e a biopolítica, fazendo levantamentos sobre questões importantes que aconteceram no Brasil, bem como opiniões da crítica literária sobre o romance de 30. Assim, buscamos evidenciar, nesse subtópico, que a política e a literatura estão ligadas desde sempre, deixando claro que esses movimentos aconteceram depois da publicação de *A Bagaceira* (1972), mas que já apareciam de maneira embrionária no momento de feitura e publicação da obra, enfatizando também o conceito de biopolítica.

O segundo subtópico [2] "*Não ter o que comer na terra de Canaã: relações de poder em A Bagaceira*" trata sobre as relações de poder que observamos na obra, trazendo o conceito de biopoder, discutindo a relação do personagem Dagoberto e seus funcionários, trazendo à tona a deplorável situação em que as personagens eram

submetidas, muitas vezes, sendo desumanizadas. Observamos, também, a forma em que a sociedade se organiza para produzir corpos dóceis aptos ao trabalho.

O segundo capítulo, intitulado “*Poder soberano versus resistência*”, também está dividido em dois subtópicos, o primeiro [1] “*O que está na terra é da terra: o poder soberano de Dagoberto Marçau*”, aborda a noção de soberania e os conceitos de *estado de exceção* e *homo sacer*, do filósofo italiano Giorgio Agamben (2007), visando compreender de que forma os indivíduos (sobre)vivem naquele local em meio às injustiças. Na segunda parte [2] “*Soledade e resistência: a hora e a vez do poder da vida*”, abordamos a liberdade da personagem Soledade em relação ao poder *sobre* a vida, que predomina na obra. Para tanto, utilizamos os conceitos *biopolítica produtiva* e *resistência*, de Antonio Negri (2006), a defesa de que Soledade resiste aos padrões sociais e políticos da época, sendo movida pelos seus desejos e pelo afeto, de modo que o poder *da* vida move as suas ações, configurando-a como ponto de resistência em meio ao biopoder.

## CAPÍTULO I – LITERATURA E BIOPOLÍTICA: ESTABELECENDO RELAÇÕES

### 1.1 “Párias da bagaceira”: contextualizando o Romance 30

A Geração de trinta foi uma estética literária pertencente à segunda fase do Modernismo brasileiro (1930-1945), em que os escritores buscavam denunciar as mazelas sociais presentes em suas regiões. Tratava de temáticas como: seca, fome, exploração de trabalho, abuso de poder e entre outras injustiças praticadas pelos senhores de engenho. Começou a adquirir força durante o período de polarização/divisão política e literária, recebendo o nome também de romance social ou romance proletário. Por isso, alguns estudiosos, a exemplo, Luís Bueno (2015), afirmam que há três tempos<sup>1</sup> dentro do que compreendemos por romance de 30.

Sobre o romance proletário, destacamos que na opinião de alguns críticos, surgiu a partir da existência de uma literatura da burguesia, fazendo-se necessário a existência de uma literatura voltada para a luta de classes. Sobre a etimologia da palavra “proletário” entendemos que na Roma Antiga, era o termo utilizado para a classe social mais baixa, como por exemplo, as pessoas que não possuíam terras, os pobres. Mas a partir do século XIX, era utilizado para designar as pessoas que precisavam de propriedade na sociedade capitalista-industrial, ou seja, ainda continua sendo utilizada para identificar a classe mais baixa, por isso o termo “romance proletário”, trazendo esse termo para *A Bagaceira* (1972), notamos que Américo de Almeida, ilustra bem a vida e as condições dos trabalhadores rurais, porém, trazemos isso como uma possibilidade de pensar sobre a obra, e não fechando-a nessa classificação. Para Bueno (2015):

Se a literatura se faz em consonância com o ambiente social, é possível afirmar a existência de uma literatura burguesa [...] portanto, é preciso que haja uma literatura proletária porque se não houvesse, teríamos apenas a burguesa, não haveria traços na literatura de que uma crise para ele facilmente visível na sociedade burguesa tivesse existência. (BUENO, 2015, p. 162)

---

<sup>1</sup> A saber: Romance social, Romance proletário e Romance de 30.



Dessa forma, a literatura proletária mostra as nuances que estão camufladas na burguesia. Para o crítico Alberto Passos Guimarães, em um artigo sobre a obra *Cacau*, de Jorge Amado, o romance só pode ser proletário se tiver, além de destacar as massas, um “ar de revolta”, de modo que somente falar dos dramas coletivos não significa fazer romance proletário, é preciso mais, para então, chegar a uma revolução (BUENO, 2015). Ainda segundo Alberto Passos Guimarães:

O romance proletário é uma espécie de necessidade histórica por ser a forma que quadra bem a um capitalismo decadente e tem que ter os seguintes elementos: valorização da massa, rebeldia, descrição veraz da vida proletária. (GUIMARÃES *apud* BUENO, 2015, p. 164)

O romance proletário ou romance social tem o objetivo de mostrar o que está por trás do proletariado, ou melhor, a vida dos trabalhadores urbanos ou rurais, o que eles viviam e sofriam. Abordar os seus direitos – que muitas vezes não tinham – era uma forma de denunciar tudo o que a literatura burguesa não denunciava. Os escritores teriam que trabalhar arduamente, valorizar e descrever todo o processo do proletariado.

A partir da década de 30, o Brasil veio tomando novos rumos, de acordo com Alfredo Bosi (2015, p. 409) “somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930”. A modernização foi se estruturando após a década de 30, dando espaço a uma modernidade que se falava por toda a parte, a energia elétrica havia chegado dando grande ênfase às máquinas, deixando de lado o trabalho totalmente braçal (em alguns lugares), e a produção e economia só aumentavam.

Para uma melhor compreensão, mencionaremos grandes momentos que vieram depois da obra *A Bagaceira* (1972), *corpus* deste trabalho. Para entendermos melhor os momentos históricos e as mudanças que se aproximavam, lembrando que a referida obra foi escrita no ano de 1928, antes desses acontecimentos que estamos mencionando, porém é necessária a compreensão, pois se trata do momento de recepção do romance e dos usos atribuídos a ele. Era o início do governo de Getúlio Vargas, seus ideais políticos mexeram com toda a estrutura da velha República. Nesse sentido, diz Azevedo Amaral:

O Estado Novo tem como finalidade precípua educar a nação, a fim de que pelo desenvolvimento de suas aptidões potenciais as massas

populares possam tornar-se capazes de cooperar conscientemente na obra do progresso e do engrandecimento do Brasil. (AZEVEDO *apud* BUENO, 2015, p. 409)

Para Azevedo, esse foi o objetivo do chamado “Estado Novo”, que se situou após o ano de 1930, mais especificamente do ano de 1937, perdurando até 1945. Mas para outros estudiosos, o Estado Novo não passa de um mero regime autoritarista com o intuito de controlar as pessoas. Com a divisão entre direita e esquerda, as pessoas também se dividem, a maioria dos escritores flertavam com ideias sociológicas de cunho marxista. De acordo com Bueno (2015) “o tipo de política educacional e cultural que Vargas desenvolveu colocou a intelectualidade que estava na oposição numa daquelas situações sem saída honrosa que não a morte por inanição” (BUENO, 2015, p. 409). Desse modo, alguns intelectuais tiveram de demonstrar, através de seus escritos, que apoiavam as perspectivas do governo de Getúlio Vargas.

Em *A invenção do Nordeste e outras artes*, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011, p. 127) afirma que “o romance de 30 tem como tema central a decadência da sociedade patriarcal e sua substituição pela sociedade urbano-industrial”. Com a urbanização, as pessoas tendem a migrar para as cidades, pois com o início da modernização tudo passa a ser industrializado, na busca por facilitar a vida das pessoas (em alguns lugares).

Em *A crítica do romance de 30 no Nordeste*, o pesquisador da literatura Gilberto Mendonça Teles (1990, p. 8) afirma que “o ano ou a década de 30 é realmente de grande importância para o estudo da transformação da cultura brasileira. Tanto a literatura como a consciência político-social marcaram bastante esse momento”. A cultura foi se transformando a partir desse ano, de forma que a literatura e a política foram se transformando também. Os manifestos regionalistas vão saindo e dando espaço ao romance de ficção, onde os autores colocam suas denúncias acerca da conjuntura política e problemas socioambientais presentes em suas regiões. Mendonça Teles (1990) ainda acrescenta sobre a conjuntura política da época que:

No plano político-social, as estruturas da velha república começam a ruir e a consciência da luta de classe atinge os intelectuais e os operários. Nas cidades, o capitalismo e a produção industrial começam a modificar o comportamento do homem, e na zona rural, a velha aristocracia vê o aparecimento do operariado e a ascensão da burguesia. Tudo isto traz inquietações que a literatura acabou

captando através do aguçamento do espírito crítico do escritor.  
(MENDONÇA, 1990, p. 8)

Dessa forma, evidenciamos a literatura enquanto configuradora de questões concernentes à conjuntura política. Com os novos avanços, as classes mais pobres tendem a ficar mais desprivilegiadas. A conjuntura político-social traz recursos para o controle da sociedade, novas políticas para a vida vão sendo implantadas, deixando o indivíduo ainda mais dependente. A esse modo político Michel Foucault, - filósofo francês, que estudou sobre o poder e conhecimento até mais ou menos o século XX - denomina de biopolítica. Que segundo ele, surgiu no século XVIII, para que pudéssemos refletir sobre o Estado e suas relações com os indivíduos, de modo que obtém cada vez mais controle sobre a população, a partir das tecnologias disciplinares, que adentraremos no próximo tópico.

Mediante isto, a biopolítica pode ser conceituada como sendo as políticas voltadas para a vida dos indivíduos, pois quando os governantes perceberam que as pessoas produziam mais estando saudáveis, começou-se a investir nas políticas que conhecemos hoje, como saúde, educação, segurança e entre outras, criadas para garantir a longevidade e o controle da vida das pessoas. Desse modo, entendemos que biopolítica foi a maneira encontrada pelo Estado de controlar a vida dos indivíduos e formar corpos dóceis com intenções políticas e econômicas.

Partindo desse ponto, voltando a falar sobre o romance de trinta, sabemos que são evidenciadas nos escritos desse período, as denúncias sociais trazidas pelos autores, para mostrar as aflições presentes em suas regiões que por muitas vezes eram/são esquecidas, principalmente pelos governantes, que preferem não enxergar ou não querem se preocupar, pois isso não faz parte de seu plano político. Um desses fatores denunciados é a seca que assola os nordestinos que ficam sem rumo, sem dignidade e sem saber o que fazer, por falta de recursos. Proença (1972, p. 29), na introdução d'*A Bagaceira*, afirma que “a seca e os seus satélites físicos e morais criam o fatalismo do sertanejo, sobrevivente ‘imunizado’ contra as desgraças; às vezes, destroem os valores morais do sertão [...]”. A seca não é o único fator denunciado no regionalismo, mas se torna uma presença marcante, pois em toda obra regionalista há algo sobre a mesma, já que é um dos principais causadores da migração. Mas em *A Bagaceira* (1972) vemos a seca de forma diferenciada, pois o autor realiza,

paralelamente, duras críticas às consequências da modernização para a classe pobre, como também ao coronelismo.

Contudo, é importante ressaltar a presença de outras particularidades nos romances que pertencem a essa estética, necessitando de uma leitura a contrapelo. Como afirma Proença (1972, p. 30) “a literatura é simbólica, ou melhor, é uma simbologia. E, por isso, é bom ler nas entrelinhas, descobrir intenções, preencher as interrupções da reticência”. Desse modo, devemos ler o texto literário levando também em consideração o contexto histórico (não somente), para assim, tirar algumas dúvidas e facilitar a compreensão sobre o que a narrativa pode querer repassar, o que representa na literatura e na sociedade de maneira atemporal, pois ainda nos dias de hoje, a literatura produzida no passado nos faz pensar em questões que estão sendo vivenciadas na sociedade atual. Da mesma forma existem obras que foram escritas no passado, e hoje, ilustra bem momentos que estão sendo evidenciados.

No ano de 1930, o Brasil vivia uma grande crise econômica, ocasionada pela quebra da bolsa de valores de Nova York em outubro de 1929, que ocasionou a Grande Depressão. Nessa época, “[...] não podemos falar que havíamos construído uma civilização liberal no século XIX. Ao contrário, são os movimentos liberais que despontam como o novo e promovem a revolução de 1930” (BUENO, 2015, p. 34). A partir dos movimentos liberais, foram surgindo outras maneiras de pensar sobre diversas situações que estava acontecendo, mas a civilização não era considerada liberal no século XX. Candido (2006), em seu livro *Literatura e sociedade*, afirma que:

O decênio mais importante é o [...] de 1930. Na maré montante da Revolução de Outubro, que encerra fermentação antioligárquica já referida, a literatura e o pensamento se aparelham numa grande arrancada. A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de Neo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades em rápida transformação (Érico Veríssimo). (CANDIDO, 2006, p. 130)

E é nesse contexto que surge o romance de 30, através da Revolução, o Brasil passa por grandes transformações, tanto na política, como na economia, transformações estas, que afetou diretamente as classes mais pobres. Dessa forma,

após a Primeira Guerra Mundial, formou-se a nova geração de escritores, que sentiam estar diante de duas opções apenas: a direita e a esquerda (BUENO, 2015). É importante ressaltar também que *A Bagaceira* (1972) transpõe o início dessas questões sociais para a narrativa. Dessa forma,

Dentro deste aspecto de tempo, um dos critérios para a compreensão da gênese e continuidade do romance de 30 do Nordeste, não é possível descartar o da existência de uma geração de escritores ideologicamente semelhantes e voltados para os problemas político-sociais de seus Estados, no caso todos nordestinos: José Américo de Almeida e José Lins do Rego, na Paraíba; Jorge de Lima e Graciliano Ramos, em Alagoas; Rachel de Queirós, no Ceará; Jorge Amado, na Bahia. (MENDONÇA, 1990, p. 9)

Cada um desses autores invocam suas críticas e opiniões acerca da conjuntura política de seus Estados, através de suas obras, com a pretensão de chamar a atenção do governo para questões sociais. Ambos possuem ideologias semelhantes, sempre voltados para as questões político-sociais, mas cada um tem o seu diferencial, não podemos generalizar que a opinião de um, também é do outro, como também, segundo Bueno (2015, p. 41), não se pode generalizar as temáticas denunciadas pelos autores da Geração de 30, pois há ideias, por exemplo, de que o romance brasileiro de 30 foi pródigo em obras cíclicas, refletindo essa tendência para o painel social. Temos obras que falam do ciclo de cana-de-açúcar, a exemplo de José Lins do Rego; do cacau, com Jorge Amado, mas não somente desses ciclos. Nos romances dessa estética há outras temáticas sociais. Sobre a conjuntura política da época, tem-se:

O velho regime político, nascido da revolução burguesa de 1789 e que condicionou por mais de um século a evolução política dos povos ocidentais, nada mais tem a dar de si. Fruto maduro e prestes a cair da árvore a mais forte vendaval. Encontra-se a humanidade ante fatal bifurcação da história: fascismo, nazismo, integralismo ou que outro tenha a reação da extrema direita, e comunismo, ou bolchevismo. O duelo de morte entre essas duas concepções antagônicas, eis o formidável espetáculo dos tempos atuais. Não há meios termos, soluções de acordo ou contemporalização. [...] A mocidade ardente, de forte espírito esportivo, não põe em dúvida o dilema trágico. Jovens escritores escolhem por toda parte, resolutamente, posição de vanguarda. (BELLO, 2015 *apud* BUENO, 2015, p. 35)

Desde a sociedade ocidental antiga, a política sofre mudanças, de forma que diversos mecanismos vão surgindo para controlar a população. Surge o capitalismo, a industrialização e a urbanização, necessitando haver controle sobre esses avanços, dessa forma, reger os indivíduos. Diante de tantos avanços e da marginalização da classe mais pobre, os escritores decidiram tomar a frente da situação, evidenciando o que estava acontecendo através da literatura.

O impacto do romance de 30 foi essencial tanto para a literatura brasileira, como para a consolidação política da época. Para muitos, o que importava era a divisão entre direita e esquerda, sem preocupação com o liberalismo, ou melhor, com a democracia. Bueno (2015) afirma que todas essas formulações apontam para uma visão segundo a qual o mundo e o Brasil chegaram ao final de um processo, a um “fundo do poço”, sendo preciso construir um mundo novo, a partir de novos ideais.

A partir dessas novas perspectivas, surge a ideia de “país novo”, precisando ser reformulado, pensado de outra forma. Para Candido (1989), é nesse contexto que surge a ideia de consciência do subdesenvolvimento, evidenciando as realidades dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria das populações. Assim:

A consciência do subdesenvolvimento é posterior à Segunda Guerra Mundial e se manifestou claramente a partir dos anos de 1950. Mas desde o decênio de 1930 tinha havido mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, que pode ser tomada como termômetro, dadas a sua generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e curiosidade, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que, sob este aspecto, o romance adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos. (CANDIDO, 1989, p. 141-142)

A ficção regionalista teve um importante papel na noção da consciência do subdesenvolvimento aqui no Brasil. A mesma desmascara todas as agruras que estavam perpassadas no governo, e a partir disso o romance foi cada vez mais adquirindo força. No próximo tópico abordaremos questões acerca das relações de poder presentes em *A Bagaceira* (1972), ressaltando o poder sobre a vida dos indivíduos, de modo a evidenciar o abuso de poder constante no romance.

## 2.1 “Não ter o que comer na terra de Canaã”: relações de poder em *A Bagaceira*

*O regionalismo é o pé de fogo da literatura...  
Mas a dor é universal, porque é uma  
expressão de humanidade.*

*José Américo de Almeida*

*A Bagaceira* (1972) é considerada o marco inicial do regionalismo no Brasil. Apesar do volume considerável de pesquisas acerca da referida obra, ainda há brechas para que possamos analisá-la por outros vieses. Desta forma, “a leitura de uma obra clássica é, quase sempre, uma releitura daquilo que significa a literatura para o presente em que situa o leitor.” (BARBOSA, 1996, p. 36). Sendo assim, a releitura de obras clássicas como *A Bagaceira* é de suma importância para a sociedade, tendo em vista que ela apresenta de maneira embrionária o que se perpetua do passado e nos dias de hoje. Questões sociais como a seca, fome, miséria e abuso de poder, serão evidenciadas, mas por outro ângulo de análise, uma forma distinta do que já foi abordado em outras pesquisas. O romance é também conhecido por ser uma “literatura de seca”, mas sua leitura nos mostra que vai muito mais além dessa delimitação, por se tratar de uma obra de caráter universal. Segundo Proença “*A Bagaceira* apareceu em 1928, revelando ao resto do Brasil o drama da seca, principalmente sob o aspecto da humilhação do ser humano e da deterioração de seus valores morais” (PROENÇA, 1972, p. 28). A narrativa mostra o drama vivido pelos sertanejos na época de seca, tendo que migrar para algum outro lugar, tentar sua sobrevivência.

José Américo de Almeida abriu as portas para autores como: Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e entre outros da época, para denunciarem os problemas sociais de suas localidades, mas é importante ressaltar, que cada um desses autores tem suas particularidades e suas formas de denunciar. Escrevendo pela primeira vez uma obra ficcional, Américo de Almeida chama a atenção de vários críticos literários da época, através de sua linguagem tão realista, deixando transparecer a sua sede de justiça para a igualdade de direitos na sociedade, dessa forma, na introdução d’*A Bagaceira*, Proença (1972) fala que:

O autor, que antes estreada vitoriosamente no ensaio, deixa transparecer aprofundado conhecimento do ambiente e do homem paraibano, anotando pormenores, acentuando os traços mais

definidores, integrado na paisagem e na estrutura social cheia de injustiças. (PROENÇA, 1972, p. 27)

Vale ressaltar, que Américo de Almeida teve grande participação na política paraibana, foi senador, duas vezes governador do Estado da Paraíba e duas vezes ministro da viação, se configurando como um grande político, sempre preocupado com os problemas sociais de seu estado e sua gente (PROENÇA, 1972, p.73), propiciando essas denúncias inicialmente através de seus escritos e posteriormente, optou por fazer suas denúncias através da política, quando:

Chegara a Revolução de 1930, prometendo renovar a face do país. Então, o romancista foi encerrando a sua carreira que tanta glória lhe tinha dado, e tanta lhe poderia dar ainda. Engajou-se na política. Tinha feito o seu protesto perante a consciência nacional. Iria fazê-lo, agora, nas câmaras legislativas, nas praças públicas, nos conselhos dos homens de governo. Chegaria aos postos de governo, ele também, para dar consequência à sua própria denúncia. (PROENÇA, 1972, p. 73).

No prefácio de *A Bagaceira* (1972) intitulado “Antes que me falem” o autor deixa claro o porquê escolheu a ficção como veículo de denúncia ao invés do ensaio, e segundo Proença (1972), Américo de Almeida “considera o romance como ‘aparência de mentira’, a maneira mais persuasiva de dizer a verdade. Por isso escolheu a ficção como veículo de sua denúncia, que já havia formulado como ensaísta em *A Paraíba e seus problemas*” (PROENÇA, 1972, p. 28). Durval Muniz de Albuquerque em *A invenção do Nordeste* (2011), acrescenta que:

*A Bagaceira* trata do tradicional tema da retirada dos sertanejos para a Mata, onde iam trabalhar nos canaviais enquanto não chovia no sertão, explorando os conflitos entre sertanejos e brejeiros devido a suas diferenças sociais. *A Bagaceira* inaugura toda esta tradição literária do romance social nordestino, voltado para a denúncia da miséria como regional e espacial, onde todos estão incluídos e as responsabilidades dos poderosos são escamoteadas. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 157)

Os governantes, considerados os “poderosos”, se aproveitavam da deplorável situação da classe mais pobre, de forma que os indivíduos se veem na responsabilidade de arcar sozinhos com as dificuldades enfrentadas, sem terem recursos para sobreviver – a exemplo, na época das secas – com o pensamento de



que precisam sair dessa situação sozinhos, a exemplo da obra em questão, em que a classe baixa vê o poder público como sendo somente para os mais ricos.

A obra retrata a vida de três retirantes, a saber: Valentim Pedreira, Soledade e Pirunga, eles são obrigados a sair do sertão, da Fazenda do Bondó em busca de outro lugar para ficar por conta da seca. Sem saber aonde vão, a alternativa era sair peregrinando até encontrar um lugar para ficar. Identificamos no seguinte trecho da narrativa:

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos – esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres. Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.

Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar.

Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam.

Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados. Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo.

Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.

Vinham escoteiros. Menos os hidrôpicos – doentes da alimentação tóxica – com os fardos das barrigas alarmantes. Não tinham sexo, nem idade, nem condição humana. Eram os retirantes. Nada mais. (ALMEIDA, 1972, p. 5)

Essa era a realidade de muitas pessoas que viviam no sertão, quando a seca chegava, não havia alternativa, tinham que seguir, mesmo sem saber aonde iam. É dessa forma, até os dias de hoje, muitas pessoas saem de sua terra natal, sua região de origem, em busca de uma vida melhor, no Sul e Sudeste, por exemplo, sem recursos para sobreviver, não têm alternativa.

O romance se passa entre as secas de 1898 e 1915, duas secas marcantes no Nordeste brasileiro. Os sertanejos eram obrigados a deixar suas casas em busca de melhorias de vida, para não morrerem de fome. Percebemos aí, o descaso e esquecimento por parte dos governantes, já que nada faziam para acabar com a migração e com o sofrimento dos sertanejos, a ausência de direitos humanos é central no romance, a desumanização e humilhação frequentes.

Os retirantes eram tratados como se fossem nada, o próprio trecho traz: “não tinham sexo, nem idade, nem condição humana. Eram os retirantes. Nada mais”. O governo não tomava providências – até hoje não toma completamente – para

amenizar o sofrimento dos sertanejos, pelo contrário, permitiam que os senhores de engenho explorassem seus trabalhadores, de modo que os deixava sem nenhuma condição humana, fazendo os leitores perceberem uma grande desumanização e esquecimento por parte do poder público.

A narrativa inicialmente apresenta um confronto entre sertanejos e brejeiros, divididos entre os trabalhadores do brejo e do sertão. O brejo, por ser mais úmido, é considerado terra boa, que dá bons frutos. Enquanto o sertão, lugar de seca e estiagem, e por esse motivo as pessoas migram para o brejo em busca das melhorias de vida. Partindo disto, os retirantes andaram até chegar ao brejo paraibano, viram nesse espaço a esperança de viverem melhor. Ao chegarem ao Engenho Marzagão, propriedade do senhor Dagoberto Marçau, que inicialmente resiste em lhes dar abrigo, os retirantes se deparam com a rejeição dos brejeiros, principalmente os da bagaceira, vejamos o trecho a seguir:

A cabroeira escarninha metia-os à bulha:

— Vem tirar a barriga da miséria...

Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas.

(ALMEIDA, 1972, p. 5)

Percebemos nesse trecho a rivalidade dos brejeiros contra os sertanejos. Os brejeiros, vítimas da exploração de trabalho, ainda assim tendem a ser insensíveis com a questão das retiradas. Diante da condição em que vivem tornam-se desumanos, de forma que não sentem piedade nem por si mesmos, pois se veem submetidos ao senhor de engenho, como se não houvesse outra escolha, já que o governo não tomava as medidas cabíveis para evitar esse tipo de humilhação. Se adentrarmos no significado de “párias” veremos que significa quem está à margem da sociedade, excluído do convívio social. É dessa forma que observamos a posição dos funcionários de Dagoberto, que são marginalizados, excluídos da sociedade, mas ainda assim, agem desumanamente, porque não percebem o contexto que vivem, gerando uma cadeia de relações que ferem a dignidade humana.

O senhor de engenho Dagoberto Marçau, dono do engenho Marzagão, cujo lema é claro: “o que está na terra é da terra”, isso inclui plantas, animais e até as pessoas. Na narrativa é possível perceber o poder que o personagem exerce sobre a vida dos indivíduos que ali habitam, de modo que seus funcionários vivem em um regime

escravocrata no século XIX. Mediante isto, percebemos a presença dos aspectos biopolíticos na obra, pois percebemos na exploração da força, no poder exercido por Dagoberto, na forma que ele trata os seus funcionários, se configurando como o dono de tudo e de todos, terra, animais, pessoas, se estiverem em sua terra, também é sua propriedade, nos recordando, além da sociedade escravocrata, os senhores feudais na Idade Média.

Mediante o exposto, percebemos a presença da biopolítica e do biopoder (técnicas de disciplinamento utilizadas para controlar e criar corpos dóceis e aptos ao trabalho) em diversas passagens da obra, a começar pelo governo, que não mostra nenhuma preocupação política com os indivíduos, deixando os senhores de engenho exercerem total poder sobre os seus trabalhadores, controlando, a partir disso, suas vidas. A seguinte passagem da narrativa confirma essa afirmação:

Dagoberto estava desavindo com o chefe local. E a política adversa despica-se em seus moradores. Os correligionários do poder mantinham redutos de impunidade inviolável; mas os opositoristas tinham seus domínios expostos às represálias policiais.

— Meta o facão nessa cambada! – ordenou a autoridade.

A cabroeira recuou. E Pirunga cresceu para a força arbitrária:

— Que é isso, praça?!

E, correndo em defesa de Latomia:

— Não desfeite o homem, praça. Um homem é um homem. Não faça ação, praça!

Era o governo. O governo era essa afirmação de arbitrariedade.

(ALMEIDA, 1972, p. 45)

Após um samba que tivera no brejo, houve uma confusão entre as pessoas que estavam na festa, por isso a polícia foi acionada. Como Dagoberto havia se desentendido com o chefe local, seu domínio era exposto aos policiais, de maneira que seus trabalhadores não iriam ser perdoados. No momento da chegada foram de imediato agindo violentamente. Para os moradores do Marzagão o governo era somente sinônimo de força brutal e repressão, principalmente com as classes mais pobres, já que não tinham vez, nem voz, devido ao poder de soberania que imperava naquela época.

Observando a forma de organização da sociedade percebemos uma espécie de teia de poder, funcionando como uma cadeia entre o governo, senhores de engenho, feitor, e assim em diante. A partir da biopolítica, surge uma outra técnica de disciplinamento denominada, por Foucault (2008), de biopoder. Deste modo, o autor

divide a sociedade em soberana e disciplinar. A primeira até o século XVII é tida como o poder centrado no governante, ou seja, antes os indivíduos não tinham direitos, eram obrigados a apenas trabalhar sem ganhar nada em troca, quase em um trabalho escravo. Mas, a partir do momento em que foram criadas as políticas públicas – políticas estas instauradas em prol do bem coletivo –, a sociedade passa a ser disciplinar, na qual temos o Estado como representante do soberano. Partindo do exposto, Foucault (2018) afirma que:

Uma das mais maciças transformações do direito político do século XIX consistiu, não digo exatamente em substituir, mas em completar esse velho direito de soberania – fazer morrer ou deixar viver – com outro direito novo, que não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá-lo, perpassá-lo, modificá-lo, e que vai ser um direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de ‘fazer’ viver e de ‘deixar’ morrer. (FOUCAULT, 2018, p. 287)

Assim, o biopoder, ao contrário da biopolítica, está voltado para o corpo e a docilização individual, pode ser conceituado como o poder sobre a vida dos indivíduos, não substituindo a biopolítica, mas completando-a, pois foi a partir do controle dos corpos, da docilização, que a biopolítica surgiu. Enquanto na sociedade soberana o rei tinha o direito de deixar seus súditos viverem ou morrerem, na sociedade disciplinar é o contrário, enquanto o biopoder rege os corpos individuais, a biopolítica controla os grupos, de forma que quem está no poder controla toda a população, por isso dizemos que o mesmo possui micropoderes. Diante dessa nova técnica de disciplinamento a sociedade passa a trabalhar mais, adquirem suporte para um meio de vida, entretanto morrem aos poucos, pois não podem parar de produzir e nem de ser controladas, de obedecer a regras. Para Foucault (2019, p. 146), “o direito de vida e morte, sob essa forma moderna, relativa e limitada, como também sob sua forma antiga e absoluta, é um direito assimétrico”, ou seja, um direito desigual, pois ainda há diferença entre um soberano e um indivíduo. Dessa forma, observamos no romance a diferença entre Dagoberto e seus funcionários, como por exemplo, o direito de consumir os alimentos plantados pelos mesmos que é negligenciado pelo senhor de engenho, já que só ele pode usufruir. Desse modo,

Temos, portanto, nas sociedades modernas, a partir do século XIX até hoje, por um lado, uma legislação, um discurso e uma organização do direito público articulados em torno do princípio do corpo social e da delegação de poder; e por outro, um sistema minucioso de coerções

disciplinares que garante efetivamente a coesão desse mesmo corpo social. (FOUCAULT, 2018, p. 293)

Com a organização do direito público em torno do corpo dos indivíduos, acaba por se consolidar a estatização do biológico, a politização da vida humana, adquirindo total poder sobre a vida das pessoas, de modo que o poder perpassa a vida. Na sociedade soberana, “o poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida. Culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la.” (FOUCAULT, 2019, p. 146).

Desse modo, em *A Bagaceira* (1972), percebemos que o personagem Dagoberto Marçau é um representante do poder soberano que atravessa o biopoder, pois está o tempo inteiro mandando e desmandando em seus funcionários, de forma que perpassa a vida dos mesmos, não interferindo somente no trabalho, mas se apoderando da vida dos indivíduos. O feitor Manuel Broca, também pode ser considerado um representante, pois apesar de obedecer todas as ordens do senhor de engenho, na ausência do mesmo, é encarregado de “fiscalizar” o trabalho dos demais funcionários, nos dando a ideia de que o biopoder atua sobretudo através dos micropoderes. Vejamos a seguinte passagem do romance:

Chá... tchá... chá... tchã.

Era um pássaro madrugador que anunciava a antemanhã, primeiro que o galo de campina, que toda a orquestração das matinas. Um xexéu desgracioso, cor das barreiras enferrujadas, a que os escravos davam caça, a bodoque nos dias de folga, porque – regulador que não se atrasa – lhes marcava, pontualmente, o início das tarefas diárias.

O feitor, como ainda chamam a esse arauto importuno, pegava no estribilho temporão, tirando do sono a cabroeira extenuada, como contratado pelo senhor rural: chá... tchá...

Não era um canto: era um grito. E, de longe, soava imperativamente: já... já... já... já...

— E por que não ofrece café? – replicavam os trabalhadores jejunos. Assim que o xexéu entrou a gritar, Manuel Broca berrou no terreiro dos sertanejos:

— É hora cambada! Levanta pra pegar!

[...] Os trabalhadores curvados sobre as enxadas formavam um magote de corcundas infatigáveis. Mantinham, assim, a atitude natural do servilismo hereditário.

Manuel Broca feitorizava:

— Aguenta o toco! Sustenta o rojão!

E, forçando um mais zorreiro a deitar a alma pela boca:

— Cabra encostão! Está remanchando, manzanga?! (ALMEIDA, 1972, p. 16-17)

Percebemos a arbitrariedade do feitor ao agir e falar com os demais funcionários, de forma que a mando de Dagoberto, o mesmo também exerce poder sobre os demais, e também é controlado pelo senhor de engenho, mas ainda assim, não se compadece de forma alguma pelo sofrimento dos trabalhadores. Percebemos que os mecanismos do biopoder regem as ações dos indivíduos de forma, que muitas vezes, chega a desumanizá-los. A relação de Dagoberto e seus funcionários é extremamente abusiva de sua parte, a exploração de trabalho e abuso de poder são frequentes, os trabalhadores não têm voz, não têm direitos, só têm a vida, que ironicamente, não pode ser vivida à sua maneira, deixando claro, a função do biopoder de “fazer viver e deixar morrer”.

O feitor Manuel Broca funciona como o panóptico, mecanismo do biopoder para disciplinar e submeter os corpos dos funcionários. O panóptico é uma ferramenta criada no início das prisões para que os presos fossem monitorados e controlados pelos carcereiros sem que percebessem. Mas Foucault (1987) criou uma teoria para ligar esse dispositivo ao sistema político e econômico. Dessa forma, o feitor está a todo o tempo monitorando os funcionários de forma bem sutil, fazendo com que eles não percebam sua intenção, pois está perpassada nas ações mais corriqueiras. Sobre o dispositivo panóptico, o autor afirma: “o dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente” (FOUCAULT, 1987, s/p). Além de monitorar o trabalho, o feitor fica encarregado de fazer outros serviços, como por exemplo, vigiar as roças/plantações e castigar os trabalhadores. Vejamos a seguinte passagem da narrativa:

Uma onda de frio enregelou toda a bravura mestiça do Marzagão. João Troçulho tremia como a milhã sacudida pelo vento. Então, Pirunga avançou impávido e mergulhou nas touceiras agitadas. Recresceu a ansiedade cobarde. Os cães encolhiam-se no aceiro. Mas seguiu-se um silêncio intrigante. E boiavam nas folhas duas cabeças imóveis. Era Pirunga abraçado com Xinane que tinha ido, alta noite, furtar o aipim que havia plantado e, pressentindo os vigias, se entocara no canavial. Levado à presença do senhor de engenho, este ordenou ao feitor:  
— Lambuze o traseiro de mel de furo e assente no formigueiro. Xinane alarmou-se:  
— Por amor de seu Lúcio!...  
— Lambuze, bem lambuzado!  
— Por amor da defunta!...  
— Nesse caso, dê-lhe umas tronchadas!

Manuel Broca prontificou-se:

— Fica por minha conta. Trinta lamboradas.

E, ali mesmo, uma, duas, três... Logo na terceira, o caboclo grunhia e mijou-se.

O xexéu deu-lhe uma vaia em termos. (ALMEIDA, 1972, p. 21).

Percebemos um regime escravocrata sutilmente inserido no século XIX. Apesar de João Troçulho ter plantado o aipim, não pode consumi-lo porque tudo que está na terra pertence ao senhor de engenho, de forma que seus funcionários não têm direito nem ao menos de comer, eis aí a ideia de Américo de Almeida de “não ter o que comer na terra de Canaã”, uma terra boa, que dá bons frutos, mas que as pessoas passam fome por não poderem comer.

O castigo proposto por Dagoberto lembra o regime escravocrata, de forma que Manuel Broca, apesar de ser também funcionário de Dagoberto, se prontifica de dar chibatadas em João Troçulho, nos dando a ideia, novamente, de que há uma cadeia de maneira horizontal e violenta que está ligada ao biopoder. O feitor, como já foi falado anteriormente, atua como o dispositivo para disciplinar os corpos e energias dos trabalhadores, para torná-los dóceis, isto é, aptos ao trabalho. Sobre esse aparelho disciplinar Foucault (1987) defende que:

O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem. (FOUCAULT, 1987, n.p)

É dessa forma que funciona na obra. O feitor é capacitado pelo senhor de engenho para disciplinar e monitorar os demais funcionários. Sempre está no meio dos trabalhadores, umas vezes monitora, outras vezes conversa, mas sempre com a intenção de acompanhar o serviço dos trabalhadores – não só o serviço, mas também o comportamento, observando se os mesmos pegam algo das roças e trabalham de maneira regrada. Essas relações observadas nos fazem compreender os diversos meios em que o poder circula, retomando a ideia de Foucault (2018) de que o poder está em todos os âmbitos da sociedade, porque não possuímos poder, mas o exercemos. No próximo capítulo, trataremos de analisar o poder soberano exercido pelo personagem Dagoberto Marçau.

## CAPÍTULO II – PODER SOBERANO *versus* RESISTÊNCIA

### 2.1 “O que está na terra é da terra”: o poder soberano de Dagoberto Marçau

*Essa resignada submissão às necessidades de cada dia não era para ganhar a vida: era, apenas, para não perdê-la.*

*José Américo de Almeida*

Em *A Bagaceira* (1972) percebemos diversos aspectos relacionados ao poder exercido por Dagoberto Marçau. Dessa forma, foi a partir de estudos sobre biopoder, poder soberano e o conceito de *homo sacer*, do filósofo italiano Giorgio Agamben (2007), que buscamos compreender como se dá a relação entre o personagem Dagoberto e os seus funcionários. Assim, intencionamos evidenciar o poder soberano que este exerce em seu engenho – de modo a capturar a vida de seus trabalhadores –, e buscando, também, descobrir quais fatores influenciam para que Dagoberto aja dessa forma.

Nesse romance, as injustiças sociais são evidenciadas de forma clara, de modo que as personagens são sujeitas a viverem subordinadas por não terem a ajuda do governo, das autoridades públicas, tendo que se submeter à humilhação, indignidade e, principalmente, à desumanização. Partindo desse ponto, percebemos que os trabalhadores vivem em um estado de abandono, excluídos e, ao mesmo tempo incluídos, sujeitos sob o jugo poder soberano, nos passando a ideia de *homo sacer*, conceito designado por Agamben (2007), que, ao recorrer ao significado de *sacer*, no latim, observa que significa “sagrado” e “matável” e que, voltado para aspectos políticos, significa homem sacro, passível de sacrifício perante a lei, ou ainda:

Neste sentido é que se pode afirmar que a vida do *homo sacer*, dentro dessa relação de abandono, estava constantemente exposta a um poder de morte. Abandonada, excluída, da esfera do direito dos homens e do direito dos deuses, esta mesma vida é imediatamente incluída – capturada de fora – na forma de sujeição a um poder soberano, exposta à violência soberana, tornando-se completamente nua (MARTINS, 2016, p. 33).

Para Agamben (2007), o *homo sacer* é aquele que é sacrificável segundo as normas da jurisdição, em busca do bem estar de todos. Bem estar este que é possível



sacrificar um “fora da lei”, em virtude do bem estar da população, mas que a própria população não pode sacrificá-lo, pois também se tornará um “fora da lei”, porque somente um soberano pode ter este poder, de deixar morrer e fazer viver.

É justamente dessa forma que evidencia-se em *A Bagaceira* (1972): os funcionários são expostos a todo o momento à violência dos poderosos, de modo que suas vidas se tornam completamente nuas, ou seja, abandonadas, excluídas, e, também, incluídas, pelo fato de terem que ser submissos, obedecer às leis do poder soberano, no caso de *A Bagaceira* (1972), com o personagem Dagoberto Marçau. Desse modo:

Se, atualmente, uma grande parte do pensamento jurídico-político não concebe a condição humana fora do âmbito de proteção do direito, talvez, isso ocorra porque não se entendeu que as identidades jurídicas, sociais e políticas, em última instância, dentro do espaço político do Ocidente, convergem no ponto da vida nua e desta dependem. Esta dupla face dos direitos e liberdades adquiridas inscrevem, cada vez mais, a vida na ordem estatal, o que implica uma sujeição crescente ao poder soberano. (MARTINS, 2016, p. 24-25)

No romance, na época da seca os retirantes saíam em busca de um lugar para ficar, para que pudessem sobreviver, já que não haviam políticas voltadas para o problema da seca, a única saída era sair peregrinando em busca de um lugar para sua resistência. Chegavam às fazendas em situações de decadência, muitas vezes movidas pela força do desejo de viver. Vejamos a seguinte passagem da narrativa:

Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, assombrados de si próprios. Agônica concentração de vitalidade faiscante. Fariscavam o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos. E, em vez de comerem, eram comidos pela própria fome numa autofagia erosiva.  
[...] Dagoberto olhava por olhar, indiferente a essa tragédia viva. (ALMEIDA, 1972, p. 5)

Nesse contexto, percebemos o abandono dessas vidas que saem em busca de um lugar para viver na época das secas. A exclusão das vidas, dos direitos dos homens, e a inclusão em que são submetidos a obedecer às regras dos governantes, de forma que perdem sua dignidade por falta de direitos, de políticas públicas voltadas para a sobrevivência na época da estiagem, tornando suas vidas completamente nuas

e os tornando verdadeiros *homo sacers*, por serem insacrificáveis<sup>2</sup> e ao mesmo tempo esquecidos/abandonados. O senhor de engenho não se compadecia com tal qual situação dos retirantes, agia com indiferença e hesitava em lhes dar abrigo, mas quando aceitava, os tornavam praticamente seus escravos, animalizando essas pessoas, lhes tirando a dignidade.

Com a chegada dos retirantes – Soledade, Pirunga e Valentim – Dagoberto percebe que com eles vinha um cavalo e de imediato não quer acolhê-los em seu engenho, pois trazer um cavalo não era hábito das retiradas, pensou que os retirantes não teriam serventia, porque aparentavam ter certa condição, e só após ter reparado em Soledade, deixa-os ficar, mas na estrebaria, com a condição de que o cavalo passa a ser sua propriedade. Vejamos o seguinte trecho:

Importunavam-no os intrusos, cortando-lhe o fio dos cálculos da colheita ou de alguma cisma transitória.

Pediam-lhe uma poisada.

Ele abanou a cabeça negativamente.

E os ádvenas quedaram-se esmorecidos pelo repouso momentâneo.

Irritava-se perante a essa insistência muda.

Saiu para enxotá-los e, quando viu que traziam um cavalo, contra os hábitos dessa peregrinação, aferrou-se, cada vez mais, na recusa.

[...] e esbravejou:

— O que já disse está dito!

Nisto, desmontou-se uma rapariga e, com a vozita soprada:

— Se o senhor pudesse mandar alcançar-me um pouco d'água...

Ele examinou-a através das pestanas cerdosas e ficou com a fisionomia suspensa, como quem reconstitui uma visão ou evoca um fato.

— Milonga, olha aqui!

E, enquanto a retirante segurava o copo com os dedos mirrados, interpelou, indicando um rapaz que a acompanhava:

— São irmãos?

— Senhor não; mas, é como se fosse – respondeu o mais velho que procurava esconder a cara na barba intonsa.

Seguiram caminho.

— Manuel Broca! Ma-nuel!

Chegou o feitor. E Dagoberto, apontando o grupo que se distanciava:

— Arranche aquela gente. (ALMEIDA, 1972, p. 8-9)

Nesse trecho, percebemos como Dagoberto agiu em relação à admissão dos retirantes, deixando-os ficar apenas por interesse, nos dando a ideia da vida nua, da sujeição ao soberano, isto é, da vida capturada por fora, sem que seja percebido. A forma que os personagens se relacionam, nos passa a ideia de que suas ações são

---

<sup>2</sup> Ou seja, não servem como sacrifício, e, quem o matar, não será considerado assassino.

movidas perante o poder sobre suas vidas. Poder este exercido através de micropoderes, ou seja, de uma teia que está relacionada simultaneamente ao biopoder, a começar pelo Estado. Além dos conceitos de *homo sacer*, poder soberano e vida nua, Agamben (2007) também denomina o que é o *estado de exceção*. Dessa forma:

A exceção é uma espécie de exclusão. Ela é um caso singular, que é excluído da norma geral. Mas o que caracteriza propriamente a exceção é que aquilo que é excluído não está, por causa disto, absolutamente fora de relação com a norma; ao contrário, esta se mantém em relação com aquela na forma da suspensão. A norma se aplica a exceção desaplicando-se, retirando-se desta. O estado de exceção não é, portanto, o caos que precede a ordem, mas a situação que resulta da sua suspensão. Neste sentido, a exceção é verdadeiramente, segundo o étimo, capturada fora (*ex-capere*) e não simplesmente excluída. (AGAMBEN, 2007, p. 25)

Assim, em *A Bagaceira* (1972), evidenciamos esse *estado de exceção* na relação de Dagoberto e seus funcionários, de forma que os mesmos são excluídos dos direitos humanos, mas não estão fora das leis aplicadas pelo poder público porque estão suspensos apenas dos direitos, mas não dos deveres, tendo suas vidas capturadas por fora, caracterizando-se como vida nua. Os retirantes, reduzidos a nada, sofrem com a falta de recursos para que sobrevivam com dignidade. Dagoberto ao avistar os retirantes apenas faz um gesto negativo, deixando claro sua falta de justiça. A linguagem do narrador e a forma com que trata essas nuances, nos faz refletir sobre a situação dos retirantes.

No enredo da narrativa, percebemos que as ações dos personagens estão correlacionadas para dar maior sentido à denúncia que o autor quer passar para o leitor, de forma que é possível evidenciar as nuances presentes na sociedade daquela época, mesmo sem tê-las vivido. A categoria personagem é um elemento muito importante na leitura e na interpretação de um livro, pois é por meio desta que podemos notar de que forma as ações na narrativa vão se desenvolvendo. Nesse sentido, Candido (2007) afirma que:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão de uma série de fatos, organizados em um enredo, e de personagens que vivem esses fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida em que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino

– traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. (CANDIDO, 2007, p. 53-54).

Assim, é através dos personagens que conseguimos entender e interpretar o enredo da narrativa, e é dessa forma que n'*A Bagaceira* (1972) passamos a entendê-la melhor, por meio das ações dos personagens, não desmerecendo as outras categorias, pois cada uma tem um papel fundamental na narrativa: uma não pode se dissociar da outra, senão a narrativa perde o sentido. Dessa forma, temos, na concepção de Gancho (2006), que:

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. (GANCHO, 2006, n.p)

Os personagens são seres fictícios bastante influentes no enredo de uma narrativa, porém, é necessário compreendermos que muitas vezes são inspirados em pessoas para dar maior ênfase ao que a literatura quer repassar. Assim, o personagem ganha vida a partir do momento que entra na narrativa e desenrola toda a trama através de suas ações.

Nessa perspectiva, voltando a falar do personagem Dagoberto, suas ações são essenciais para o entendimento sobre as relações de poder na sociedade do século XIX, mesmo que ele tenha sido inspirado na realidade, devemos ter em mente que é apenas um recurso do autor para situar a denúncia que quer repassar ao leitor. Percebemos que essas relações mostradas em *A Bagaceira* (1972) se perpetuam a partir da concepção de poder soberano desenvolvido na Idade Média e que ao longo do tempo foi cada vez mais evoluindo, até chegar ao conceito de biopolítica desenvolvido por Foucault (2018), no século XVIII e, posteriormente, após a sua morte, continuado por Agamben (2007). Contudo, é importante ressaltar, que ambos se diferenciam, pois, para Agamben (2007), a biopolítica existe desde sempre.

Na introdução d'*A Bagaceira*, Proença (1972, p. 73) faz referência a alguns símbolos trazidos pelo autor ao longo da narrativa, como por exemplo, o

Símbolo de submissão do eito: “os sons humildes que tinham estado à espera do silêncio” e só faziam ouvir durante a noite. Emudeciam quando o galo da casa-grande amiudava. Porque o galo é imagem da prepotência do senhor de engenho; nenhum outro lhe respondia nas manhãs da bagaceira, “porque só cantava um galo naqueles terreiros”.

Até mesmo o galo que cantava todas as manhãs na casa-grande é tido como símbolo do personagem Dagoberto, em relação a sua autoridade e a sua masculinidade, o que nos faz lembrar do Sistema social patriarcal, por ter domínio e controle das propriedades e até do corpo das pessoas, fazendo-se analogia a expressão popular “cantar de galo”, que significa prepotência, falar alto ou até mesmo, mandar. O senhor de engenho, em suas relações com os funcionários no dia-a-dia, demonstra o quão abusivo é, sempre com seu lema “o que está na terra e é da terra” submete os trabalhadores à humilhação de saírem de suas casas sem nem mesmo levar o que construíram. Podemos, portanto, perceber esta proposição na seguinte passagem da narrativa:

Intimado a deixar a palhoça que ajudara a levantar, o caboclo coçou a cabeça e correu à casa-grande, com o chapéu debaixo do braço:  
 — Patrão, eu não me sujeito. O patrão sabe que eu não enjeito parada: sou um burro de carga. Mas porém, nascer pra estrebaria não nasci. Dagoberto não quis saber de mais nada:  
 — Pois, por ali, cabra safado! Você não nasceu pra estrebaria que é pra cavalo de sela: nasceu foi pra cangalha!  
 Xinane continuou a coçar a cabeça, como se procurasse despertar uma idéia:  
 — A gente bota um quinguingu; quando é agora, o patrão, sem que nem mais...  
 E, implorativamente:  
 — Quando acaba, foi a caseira arranhando com o caco de enxada. Patrão, minha rocinha, atrás do rancho!  
 — O que está na terra é da terra!  
 Era essa a fórmula de espoliação sumarássima.  
 — Patrão, mande suas ordens. Dá licença que leve os troços?  
 E o caboclo saiu, levando os cacarecos num braçado e 400 anos de servilismo na massa do sangue. (ALMEIDA, 1972, p. 11)

Como os retirantes haviam se alojado na estrebaria, o feitor deu a ideia de tomar a casa de um dos moradores do engenho, Xinane. Ao ser intimado a deixar seu rancho, resolve ir até Dagoberto em busca de uma solução, o que não funcionou. O senhor de engenho age de forma abusiva e violenta, se expressando de modo que chega a humilhar Xinane. A ausência de direitos humanos é evidente, colocando os funcionários em um estado de exceção, em completo abandono.

A retirada de Xinane de sua casa nos passa novamente a ideia de *homo sacer* – vida entregue ao sacrifício para determinar o bem de todos – neste caso, da família de Valentim Pedreira. Em nenhum momento Dagoberto fica do lado de Xinane, nos fazendo perceber o interesse por Soledade, já que a personagem se parecia com sua falecida esposa. Essa relação com seus funcionários, por sua vez, se dá através de um poder totalmente soberano exercido pelo senhor de engenho, deixando transpassar a vida desses indivíduos, tornando-as completamente nuas, desprovidas de seus direitos, mas não de seus deveres.

As expressões utilizadas pelo autor são bem populares em uma parte do Nordeste brasileiro, de forma que as pessoas de outras regiões – tomemos como exemplo o Sudeste –, não compreenderão o significado de tais palavras/expressões. Por esse motivo, o autor traz um glossário no livro. Somente depois de ler os significados, compreende-se melhor os vocábulos, como a palavra “quinguingu”, que significa pequena lavoura e que, durante a narrativa vemos muito. A expressão “burro de carga”, dita por Xinane, dá ideia de que realmente os trabalhadores são tão desmoralizados que se sentem como se fossem animais, eles se animalizam diante de tais situações, o senhor de engenho não se importa em nenhum momento com a situação a que submete os seus funcionários.

A forma em que Xinane foi tratado nos lembra a sociedade escravocrata. O brejeiro não pôde escolher entre ficar ou ir embora de sua casa, apesar de ter trabalhado a vida inteira para Dagoberto, teve que deixar de lado suas criações, roças e ironicamente, sua dignidade, por ter que sair e morar na estrebaria, lugar em que ficam os cavalos. Além de tudo, o funcionário foi animalizado. Dagoberto tem o poder de decidir sobre a morte e a vida das pessoas como Xinane, já que a soberania imperava naquela época, controlando a vida de seus trabalhadores de todas as formas.

A ausência de leis que assegurem o trabalhador é bem perceptível. O trabalhador, além de deixar sua casa, teve de deixar para trás anos de trabalho. Trabalho este que se configura como uma escravidão no século XIX. Anos depois da abolição da escravatura, o Brasil ainda sofria/sofre com esse ato violento.

Dentre as injustiças denunciadas na obra, está a fome, fator muito falado em obras sobre a seca, mas em *A Bagaceira* (1972) vemos de forma diferente, pois o espaço não é o sertão, e, sim, o Brejo da Paraíba, lugar úmido, que ao contrário do sertão, dá bons frutos o ano inteiro. Dessa forma, a fome está presente mesmo nessa

terra boa, pois a soberania do senhor de engenho não permite que os trabalhadores desfrutem daqueles alimentos. Como já discutido anteriormente, os direitos foram negligenciados, enquanto os deveres predominam consoante com o abuso de poder. Podemos ilustrar essa afirmação por meio da seguinte passagem da narrativa:

O feitor, também caindo em si e dirigindo-se a um cabra que permanecia apoiado:  
 — Moambeiro! Só vive dando de mamar à enxada!  
 Avezados ao eito, nenhum davam por essas penas. Ao invés. Quase todos assobiavam. Muitos cantavam. Também se adormece a fome, como às crianças cantando.  
 Não se queixavam da labuta improdutiva:  
 — É pra castigar o corpo!  
 Vez por outra levantavam os olhos ao céu, não pedindo misericórdia, mas reparando no sol – a hora do descanso. (ALMEIDA, 1972, p. 19)

Os trabalhadores só tinham hora para chegar ao trabalho, só podiam sair quando não tivesse mais o que fazer no pasto. Também não havia hora para se alimentar como vemos trecho. Muitos cantavam e assobiavam para adormecer a fome e olhavam para o sol para averiguar a hora do descanso. O sol, que desde sempre guiou as pessoas em relação ao horário, maltrata os retirantes, mas também os guia, pois o sol é considerado símbolo do sertão. Proença (1972, p. 33) afirma que “no brejo, o sol não é o senhor onipotente, queimando a vida em holocausto à sua própria glória. Mas, tal como no sertão, é inseparável da paisagem [...]”. Desse modo, o sol também guia os brejeiros, principalmente, como destaca o trecho, na hora de finalizar o trabalho, ele simboliza esperança e força.

Essas relações de soberania nos mostra o quanto os trabalhadores do engenho sofrem por não ter opção: ou sobrevivem com o que aparece ou perde a vida, e é assim até os dias de hoje. Quantas pessoas no mundo não morrem assoladas pela fome e miséria? E se trouxermos para a realidade do Brasil atual, veremos que não é muito distante do que é evidenciado em *A Bagaceira* (1972).

Atualmente, a soberania impera no Brasil, de forma que a liberdade de expressão das pessoas está sendo escassa, os direitos trabalhistas estão sendo escamoteados, o abuso de poder cada vez mais frequente em vários âmbitos da sociedade e os indivíduos amedrontados com a situação atual do país. Vemos *homo sacers* por todo lado: o que dizer dos marginalizados, dos presos? O que dizer das pessoas que fazem a “limpeza na sociedade” alegando matar pelo bem estar da

população? As facetas atuais nos fazem cada vez mais refletir sobre esses aspectos esquecidos pelos governantes vigentes, que assolam a sociedade a cada dia.

O que, talvez, Américo de Almeida quis nos passar ao escrever *A Bagaceira* (1972) é que as complexidades presentes na sociedade daquela época ainda iam se perpetuar muito mais, tendo em vista que o romance foi escrito no ano de 1928, dois anos antes da Revolução de 30 – um período bem marcante tanto no Brasil, como no mundo. Dessa forma, observamos que essas denúncias, elencadas pelo autor, se perpetuaram e ainda estão se perpetuando hoje, no século XXI.

## 2.2 Soledade e resistência: a hora e a vez do poder da vida

Em meio ao poder sobre a vida, evidenciado em *A Bagaceira* (1972), tentamos compreender de que forma a personagem Soledade pode se configurar como resistência a esse poder soberano que perpassa a vida dos indivíduos na obra. Desse modo, vemos que a personagem se opõe ao biopoder, por meio de suas ações, de forma que age do seu modo, não se preocupando com o que os outros iriam pensar. Antonio Negri (2001), em seu livro *Exílio – seguido de Valor e afeto*, fala sobre “biopolítica produtiva”, que, segundo ele:

A biopolítica é, portanto, essa perspectiva dentro da qual os aspectos políticos administrativos se juntam às dimensões demográficas, para que o governo das cidades e das nações possa ser apreendido de maneira unitária, reunindo ao mesmo tempo os desenvolvimentos “naturais” da vida e de sua reprodução, e as estruturas administrativas que a disciplinam (a educação, a assistência, a saúde, os transportes, etc). (NEGRI, 2011, p. 33)

Portanto, a biopolítica produtiva se caracteriza por ser o avesso do poder sobre a vida, ou seja, o poder da vida. Trazendo esse conceito para *A Bagaceira* (1972), podemos perceber que a personagem Soledade quebra todos os padrões criados pela sociedade daquela época, se configurando como resistência ao poder *sobre* a vida, nos fazendo perceber o poder *da* vida em confronto com o biopoder. Identificamos tal concepção na seguinte passagem da narrativa:



E como, uma vez, não pudesse evocar-lhe a imagem, nem, sequer, recompor-lhe os traços mais familiares, dirigiu-se, induzido por essa repentina curiosidade, à casa dos sertanejos.

Ao embalo da rede, na perplexidade de quem se inicia nos convites do coração, ela cantarolava, ao acompanhamento dos armadores gritantes. E, assim que o viu, à entrada, precipitou-se do balanço e, desequilibrando-se, foi-lhe de encontro, desastradamente.

Ele aprou-a num abraço e, arrependido desse movimento involuntário, recuou até o terreiro. (...) O estudante intentava sair:

- Seu pai não está...
- Deu um pulo ali na rua. Já vem já.
- Bem; nesse caso, volto daqui a pouco.
- Ah, não quer entrar?
- Não está ninguém...
- E eu? Então, o que sou eu? (...)

Então, Lúcio entrou com Soledade [...]. (ALMEIDA, 1972, p. 48)

Naquela época não era bem visto uma moça ficar sozinha com um homem. Mas mesmo assim, Soledade não ligava para esses padrões impostos pela sociedade patriarcal. Mesmo com a resistência de Lúcio em entrar em sua casa, ela insiste, porque não vê problema em ficar a sós com ele. Diante disso, percebemos que em meio a uma sociedade padronizada em que o poder sobre a vida dos indivíduos prevalecia, ainda havia pessoas que resistiam a essas relações de poder, em que os poderosos somente se beneficiavam, mas não era assim com Soledade, o corpo dela. Ao contrário dos outros moradores, o seu corpo não era assegurado pelo poder soberano de Dagoberto, ela resistia, ela saía, brincava, cantarolava, enfatizando o *poder da vida*. A biopolítica produtiva se caracteriza também por ser uma produção de subjetividade constante: o sujeito vai produzindo e cada vez mais atribuindo um sentido a sua vida, se posicionando diante dos questionamentos e adversidades do dia a dia. De acordo com Negri (2001, p. 34):

A produção biopolítica nasce da conexão dos elementos vitais da sociedade, do meio ambiente ou do *Umwelt* nos quais estão inseridos, e considera não que o Estado é o sujeito dessa conexão, mas, ao contrário, que o conjunto das forças produtivas, dos indivíduos e dos grupos se torna produtivo à medida que os sujeitos sociais se vão reapropriando do conjunto. Nesse âmbito, a produção social é completamente articulada através da produção de subjetividade.

Comungando da ideia do autor, a biopolítica ligada aos aspectos naturais da vida e ao meio ambiente, dá espaço à biopolítica de produção, que diz respeito não só a ideia de produzir economicamente e para o capitalismo, mas à produção de subjetividade, ou seja, do interior, do eu, do sujeito em si. Essa produção de

subjetividade dá espaço ao indivíduo no que diz respeito ao posicionamento diante dos padrões sociais, possibilitando, assim, a produção de sentido atribuído à vida.

Em *A Bagaceira* (1972), a personagem Soledade rompe com os padrões ditados pelo poder sobre a vida, não se importando com as regras do sistema político da época, com a subjugação de Dagoberto que afeta os outros indivíduos que moravam no engenho: esta se sente livre, como a natureza; sentia o desejo de conhecer Areia<sup>3</sup> e insistiu até convencer seu pai, não tinha medo de viver ao seu modo. Soledade resiste a esses padrões mesmo que as pessoas falassem mal de suas ações, como podemos perceber no seguinte trecho do romance:

Lúcio e Soledade pressentiam que estavam sendo vigiados. E derivavam para outros lugares. [...] Só, então, se sentiam mais juntos um do outro; tinham o pudor do êrmo, apenas com as testemunhas da natureza inocente. Calavam-se, cada qual com medo de falar. Soltavam-se as mãos desconfiados. [...] Pirunga, tinha-os de olho. Punha-se de guarda, dissimulando-se nas árvores mais folhudas ou alapardando-se nas moitas de camará. [...] Soledade descobria:  
 - Só acerta com a gente por causa do cachorro: ele vê, mas não sente. [...] escapulindo-se desse enlevo, Soledade correu ao abatedouro. As lavadeiras acocoravam-se arregaçadas até as coxas, mas com as saias tão bem traçadas, que nem de cócoras estavam descompostas [...]  
 As que vinham chegando desatavam com as trouxas um mundo de intimidades. Cada vestido era a impregnação de um corpo [...] E davam a trela:  
 — Ainda estou pra ver uma moça mais foguete! ... solta de corda e canga e o branco sem respeito na batida dela...  
 — Mais hoje, mais amanhã, esse negócio acaba em choro de menino...  
 — Minha negra, não é por falar, mas já caiu na boca do mundo. Não vale mais um dez réis de mel coado. (ALMEIDA, 1972, p. 63-65)

Percebemos até na voz do narrador a forma que as mulheres daquela época se comportavam. As lavadeiras se vestiam de acordo com aqueles padrões. Soledade, por sua vez, tinha um comportamento diferenciado em relação aos costumes daquela época, despertando, assim, os olhares “tortos” das pessoas que ignoravam aquela forma de viver. O desejo de ser livre a faz mais forte do que todos.

As lavadeiras não concordavam com Soledade e Lúcio andarem sozinhos pelas matas do engenho, pois o poder sobre a vida as influenciava a pensar que somente aquela forma de viver era a correta, não compreendendo outras possíveis formas de

---

<sup>3</sup> Terra natal de José Américo de Almeida e também a cidade paraibana onde está situado o Brejo, espaço da obra *A Bagaceira* (1972).

levar a vida, porque o biopoder é responsável por reger a vida e as ações dos indivíduos na sociedade enquanto o soberano perpassa a vida dos sujeitos.

Soledade percebe que está sendo vigiada, mas, mesmo assim, não se esquiva. Com sua ingenuidade, sempre dá um jeito de “escapar” e até brincar. Essa atitude de Pirunga mostra que o biopoder move suas ações também, pois, apesar de sofrer com os efeitos do poder soberano, sente o desejo de controlar a vida de Soledade, a vigiando, pois também carrega um sentimento por ela.

A natureza ajuda Soledade e Lúcio, como se tivesse vida. As árvores, os pássaros, as flores se materializam como se fossem seres racionais, personificados, que contribuem para que haja afeto entre os dois. O cenário de *A Bagaceira* (1972) é um importante elemento na construção de sentidos da narrativa, que dá vida aos personagens nos possibilitando uma boa compreensão a respeito do enredo e de questões que se encontram nas entrelinhas.

Negri, em *De Volta – Abecedário biopolítico* (2006), fala de resistência e, de acordo com essa ideia, buscaremos compreender como a personagem Soledade resiste ao poder sobre a vida utilizando o próprio poder da vida. Dessa forma, “a resistência da multidão, a resistência à todas as propostas de formatação da vida, creio que isto consiste sobretudo em sentir o prazer da singularidade” (NEGRI, 2006, p. 179). E é esse prazer da singularidade que move as ações da personagem Soledade: esta é singular em relação ao padrão de vida daquela época, faz o que gosta, ou melhor, o que sente, resistindo, mesmo que inconscientemente, ao biopoder. Partindo disso, Negri (2006) afirma que:

O infinito é vivido inteiramente em cada singularidade, a interiorização total do ato da vida está presente a cada vez. Não se trata mais de vitalismo, pois não mais tomamos forças como referencial; a coisa se parece muito mais com notas de música que, embora sejam completamente singulares, podem criar vida, compor-se entre elas, dar harmonia. (NEGRI, 2006, p. 179)

A resistência de Soledade consiste em sua liberdade, sua forma de viver a vida sem obedecer aos padrões ditados pelo biopoder. Seu jeito de se mostrar a todos que não existe um padrão a ser seguido se configura como a ruptura do poder sobre a vida. O biopoder rege as ações dos outros indivíduos que residiam no engenho, de forma mais clara, do senhor de engenho, já que mandava e desmandava em tudo, regido pelos mecanismos da biopolítica.

A relação de Soledade com Lúcio acabou despertando uma grande paixão entre os dois, mas Lúcio hesitava em querer algo mais do que amizade, pois, além do respeito que tinha pelo pai de Soledade, conhecia as histórias da honra sertaneja. Além disso, era um rapaz muito puro, incapaz de ir contra os paradigmas da época. Ao contrário de Soledade, que sempre esperava alguma atitude do rapaz, sempre buscava conseguir ao menos um beijo. Vejamos o trecho seguinte:

[...] — Eu sou tão fe-e-ei-a!...

Lúcio retrucou maquinalmente:

— A mulher basta ser bela...

[...] Em seguida, o estudante pegou-lhe as mãos que, sem anéis, eram mais ostensivas na sua beleza. Ela provocou outra confissão:

— Está fazendo pouco de mim...

E Lúcio entrou a mirá-la com um enternecimento abstrato. [...]

Soledade enfasiava-se dessa expressão de inteligência e de desgosto. Intentou voltar, desapontada, pretextando:

— Estou morr-rendo de sede!

Embaixo, fluía a cascatinha resguardada pelas cajazeiras embrulhadas nos seus fichus de trepadeiras. Lúcio aconchegou a destra, colheu a água e deu-lha a beber. Ela sorveu-a, aos estalidos, com os olhos verdes revirados e ficou chuchurreando os beijos na palma da mão tremente. Depois de dessedentada, comia-a de beijos. E ele, todo escarlate, contraía os dedos e machucava-lhe a boca sôfrega. Forcejava, muito atrapalhado, estancar-lhe o jorro do coração. Soledade agastou-se, enfiada: - Brejeiro! Não nega que é brejeiro...

Voltaram contrafeitos e calados – Lúcio com a ideia fixa de honra sertaneja e Soledade como que repesa da efusão leviana. (ALMEIDA, 1972, p. 66-67)

A forma em que Soledade age após beber a água das mãos de Lúcio nos mostra que a moça tem uma liberdade em relação ao que sente pelo filho do senhor de engenho, sempre em busca de alguma carícia. Assim, nos faz perceber que o poder da vida vai muito além do que a sociedade diz. Essa liberdade da filha de Valentim indica que o poder sobre a vida que predomina na narrativa não a afeta, pois ela vive ao seu modo, sendo contra a captura da vida, rompendo o biopoder. Sempre movida pelos seus desejos, Soledade nos mostra que viver é mais importante que se submeter a algo. Para Negri (2006):

A singularidade está sempre tensionada para o comum: o comum é seu produto; e a singularidade é uma proliferação do comum. Creio que a resistência consiste nesse processo. O comum e sua resistência não têm absolutamente nada de orgânico: como nos lembra Deleuze, a singularidade é sempre balbuciante. Mas esse balbuciar cria um

mundo comum. Ela não o nega, mas, pelo contrário, o enriquece e o articula. A resistência é o sentido que o comum oferece às singularidades. (NEGRI, 2006, p. 180)

Consoante com a ideia do autor, a resistência em Soledade consiste, em sua liberdade, e é essa liberdade que a faz singular, diferente dos outros personagens de *A Bagaceira* (1972), que a todo momento estão sendo monitorados, sem a liberdade de olhar o que está ao seu redor, a natureza, enfim, as coisas mais simples, a resistência em Soledade se dá através dos seus desejos e afeto, nos fazendo perceber que o poder da vida é mais forte.

Depois de ter bebido a água, Soledade beija as mãos de Lúcio, movida mais uma vez pelo desejo, amor e afeto. Lúcio, com o ato de contrair os dedos, machucando-lhe a boca, irrita Soledade. Ao contrário dela, este não se deixa levar pelos seus desejos, pois a ideia de honra sertaneja fala mais alto. O poder sobre a vida o afeta, privando-o de viver a paixão que sente por Soledade.

Com certo tempo, Soledade, sem intenção nenhuma, conquista Dagoberto, que desde o início demonstra interesse pela moça, e esse foi o único motivo pelo qual aceitou a admissão dos retirantes em seu engenho, pois esta parecia com sua falecida esposa, mãe de Lúcio, que faleceu durante o parto de seu único filho. O senhor de engenho passa a presentear Soledade até conseguir aliciá-la. Dessa forma, a moça passa a ser desejada por Lúcio, Pirunga e Dagoberto, sendo cada vez mais falada pelos moradores do engenho. A sua beleza natural chamava a atenção de todos.

Em toda e qualquer obra, os personagens nos possibilita viver e sentir emoções através de suas ações. Quem nunca chorou ao ler e imaginar uma cena triste? Nos imaginamos e nos colocamos nos lugares dos personagens. Desse modo, Beth Brait (1987), em seu livro *A Personagem*, busca compreender a relação dos personagens com pessoas, seres humanos. Contudo, ressalta que:

O problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras; as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção. (BRAIT, 1987, p. 11)

Dessa forma, não é fácil descobriremos se o autor se inspira ou não em alguém. Devemos observar as outras categorias, pois como já foi exposto no tópico anterior, as personagens são entrelaçadas para dar um maior sentido à narrativa. Em contrapartida, Brait (1987) ressalta que teremos de avaliar toda a construção do texto,

tentar descobrir a maneira que o autor encontrou para abordar suas criaturas, como o espaço irá movê-los.

Voltando para Soledade não sabemos se foi inspirada em alguém, mas o que percebemos é que existem muitas Soledades por aí, muitas pessoas que resistem ao poder soberano. Na introdução d'*A Bagaceira*, Proença (1972) destaca sobre a história de Carlota, mulher que chegou ao município de Areia e conquista o coronel, se tornando sua senhora e mudando suas leis. Além disso, ressalta que “como Soledade, ela nascera para atear fogo por onde passasse” (PROENÇA, 1972, p. 37). Talvez Soledade tenha sido inspirada na história de Carlota, pois, com seu jeito livre de ser e, mediante a sua aparência com a mãe de Lúcio, acaba se envolvendo com o pai e o filho, sendo, depois, senhora do senhor de engenho.

O poder da vida se torna tão grandioso que Soledade mostra não se importar com o que está havendo, sempre brinca e utiliza de ironias para falar sobre o assunto, e isso nos mostra que a sobrevivência é mais válida do que o poder sobre a vida exercido pelos soberanos, o modo de viver nos diz muito sobre quem somos. Soledade é quase livre para pensar e escolher o que quer, quebrando os paradigmas do biopoder. Ao contrário dos outros moradores do Marzagão, ela sai livre pela natureza, pega as flores, sai pelos pomares e pega os frutos, e isso não era permitido pelo poder soberano de Dagoberto. Sua beleza foi capaz de conquistar o senhor de engenho, dono de uma avidez vã, que não se permitia amar mais ninguém na vida, se opondo até ao seu único filho. Vejamos a seguinte passagem:

Soledade dera para esquivar-se de Lúcio.

Uma feita, recebeu-o no mato, de maus modos:

— Eu serei algum bicho? Cabra é que a gente encheira:

Chiqueiro, cabra! Chiqueiro, cabra...

— É, pastorando por causa dos lobos...

— Que lobo, que nada! Pra onde eu me viro estão dois olhos em cima de mim. Vivem é me vigiando por sua causa. E é feio a gente andar só nestas brenhas...

O estudante ficou-se quebrando os galhos da Guabiraba a que se encostara. Aí, ela explicou-se:

— Papai já anda com a mosca na orelha e é capaz de fazer uma das dele...

— Pelo velho eu respondo. Ele até gosta que eu lhe faça guarda...

Agora, se você está aborrecida, é outra coisa.

— Você promete segredo? Pois bem: foi o major que jurou botar papai pra fora, se a gente ainda viver...

— Viver o que?

— ... corricando. Viver... você sabe, seu sonso! ... Viver, como lá diz, feito a linha atrás da agulha... E, alheada: - você nem alinhavar quer! (ALMEIDA, 1972, p. 81)

Dagoberto, com interesse em Soledade resolve ameaçar Valentim de expulsá-lo do Engenho se o mesmo não impedisse Soledade de ver Lúcio, nos fazendo perceber sua subjugação e domínio em relação à vida das pessoas. Dessa forma, a moça resolve falar para Lúcio que eles não poderiam mais se ver. Quando ela fala o porquê, o rapaz não entende bem e, mais uma vez, Soledade mostra uma liberdade em relação as suas vontades, ao desejo que tem. Para Alfredo Bosi (1996):

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir. (BOSI, 1996, p. 11).

Desse modo, Soledade possui uma grande força de vontade, resistindo à força do biopoder, a força do poder soberano, representado por Dagoberto, se opondo ao controle sobre a vida. Atravessando esse poder por meio do *poder da vida*, a personagem se sente livre para andar pelos pomares do Engenho, para brincar, sair com Lúcio contemplando a natureza.

A relação de Soledade com Dagoberto e Lúcio nos faz compreender de que forma ela se configura como resistência ao poder sobre a vida que circunda no decorrer da narrativa. Soledade não tem medo de viver a vida ao seu modo. Assim, o poder da vida a possibilita sobreviver em meio ao caos instaurado pelo biopoder que modifica a vida das pessoas, de forma que o direito à vida é escamoteado através dos deveres constantes. Ao contrário das outras personagens, esta resiste a todo momento, durante a narrativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi realizada com base na análise do livro *A Bagaceira* (1972), de José Américo de Almeida. Nele, conseguimos perceber de que forma os aspectos biopolíticos estão configurados na obra por meio das relações entre as personagens. Relações muitas vezes abusivas que nos fizeram compreender que o biopoder controla as ações dos indivíduos, especialmente de Dagoberto Marçau, fazendo com que o poder sobre a vida vá além da vida das pessoas.

A análise voltou-se para as questões das injustiças sociais com o intuito de compreender como a biopolítica utiliza os seus micropoderes para controlar essas relações. Para tanto, optamos por analisar a categoria da narrativa personagem, analisando o poder soberano de Dagoberto e a resistência de Soledade ao poder sobre a vida em contraponto ao *poder da vida*.

A relação entre a literatura e a biopolítica se dá através de questões político-sociais, em que a literatura evidencia as nuances que se perpetuam na sociedade. Essa relação traz à tona questões que estão camufladas na conjuntura política por meio das obras literárias, nos possibilitando acesso a essas aflições que são denunciadas pelos autores.

Percebemos, portanto, que o biopoder está presente na obra, e, como representante, está o personagem Dagoberto, que manda e desmanda no Engenho e na vida de seus funcionários. O poder sobre a vida perpassa a vida dos indivíduos desumanizando-os, fazendo com que pensem que não há nada mais para que possa sobreviver somente aquilo basta. A humilhação e indignidade em que são submetidos são claras na narrativa.

As injustiças analisadas em nosso trabalho levam uma reflexão acerca do mundo atual, que, ainda no século XXI, muitas pessoas sofrem com o trabalho escravo, a fome e a miséria decorrentes dos governantes vigentes que se aproveitam do poder para se aproveitar das pessoas mais pobres. Ainda hoje, percebemos a humilhação e a desumanização de muitas pessoas pelo mundo. Em *A Bagaceira* (1972) isso se perpetua na relação do senhor de engenho com os trabalhadores do engenho. Ainda no século XIX, depois da abolição da escravatura, no Brasil, o trabalho escravo ainda era frequente em algumas regiões do país, nada era feito para evitar esse tipo de abuso que não tirava apenas a dignidade das pessoas, mas também os desumanizava.



Diante desses aspectos observados em *A Bagaceira* (1972), percebemos que a conjuntura biopolítica da época se constituía de acordo com o sistema político vigente, tendo em vista que o coronelismo ainda imperava e que os donos dos engenhos aproveitavam para tirar proveito da seca que assolava o sertão nordestino, não deixando alternativa para os sertanejos que tinham que migrar até o brejo paraibano em busca de sobrevivência. A biopolítica, deste modo, volta-se para essas questões, pois ela se encontra no poder, na força corporal que move as ações de Dagoberto, através de seus micropoderes configurados no poder sobre a vida dos indivíduos.

Mediante o exposto, percebemos que nossos objetivos foram alcançados, pois conseguimos discutir a relação entre os personagens e compreender que o biopoder tem a capacidade de mover as ações dos personagens, em especial, as do senhor de engenho, que utiliza de sua força e autoridade para reger a vida dos seus funcionários, de modo que não os dá opção para escolherem a melhor forma de viver, privando-os de seus direitos, mas não dos seus deveres. A ausência dos direitos humanos e de políticas voltadas para a questão das retiradas é evidente durante toda a narrativa. Dagoberto tem o poder de decidir a sobre a vida de seus trabalhadores e o governo dá plenos poderes para que isso se perpetue, já que não tomam nenhuma medida para evitar esse tipo de comportamento. Soledade, por sua vez, resiste ao poder sobre a vida sendo movida pelo desejo e afeto em relação às suas vontades, não permitindo que Dagoberto controle sua vida e nem seu corpo, demonstrando que se sente livre.

Partindo das discussões tecidas, a pesquisa contribui para a construção de um novo arcabouço teórico voltado para a literatura acerca do romance *A Bagaceira* (1972), pois analisamos a obra por meio de uma nova visão acerca de questões até então imperceptíveis, fugindo dos grandes clichês sobre a seca, bem como da visão errônea de que o Romance de 30 trata somente de uma “literatura de seca”, nos fazendo perceber a importância de uma releitura sobre obras não contemporâneas, com teorias que vieram posteriormente à sua publicação, porque encontramos facetas que fazem referência à atualidade.

Em suma, esse trabalho nos possibilitou uma reflexão sobre assuntos atuais que se perpetuavam como uma espécie de embrião antes mesmo de acontecerem. Levou-nos, também, a refletir sobre como a estrutura política de nossa sociedade está organizada através da biopolítica e como o biopoder perpassa a vida das pessoas sem que elas percebam. Dessa forma, compreendemos que a biopolítica consiste em

organizar a sociedade através de políticas voltadas para a vida das pessoas com o intuito de tornar corpos dóceis e aptos ao trabalho.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- BARBOSA, João Alexandre. A literatura como conhecimento: leitura e releituras. *In: A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê editorial, 1996.
- BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. Itinerários. Araraquara, 1996.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. 50 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- BUENO, Luís. **Uma história do Romance de 30**. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Campinas/Editora da Unicamp, 2015.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Trad. de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 8 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.
- MUNIZ, Durval. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- TELES, Mendonça Gilberto. **A crítica e o Romance de 30 do Nordeste**. Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990.
- MARTINS, Lucas Moraes. O significado político do *Homo Sacer* na filosofia de Giorgio Agamben. **Rev. Científica Internacional**, Vol. 11, N.02, 2016, p. 23-41.

NEGRI, Antonio. **De Volta, abecedário biopolítico**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

NEGRI, Antonio. **Exílio**. Seguido de valor e afeto. São Paulo: Iluminuras, 2001.